

**MÉTODOS E METODOLOGIAS DE EXTENSÃO RURAL:
APLICAÇÃO PRÁTICA DO DIA DE CAMPO NOS CURSOS DE
CIÊNCIAS AGRÁRIAS**

**METHODS AND METHODOLOGIES OF RURAL EXTENSION:
APPLICATION OF FIELD DAY EVENT IN THE COURSES OF
AGRARIAN SCIENCE**

**MÉTODOS Y METODOLOGÍAS DE EXTENSIÓN RURAL:
APLICACIÓN PRÁCTICA DEL DÍA DE CAMPO EN CURSOS DE
CIENCIAS AGRÍCOLAS**

Vinícius Mattia¹
Wilson João Zonin²
Fábio Corbari³
Marcos Roberto Pires Gregolin⁴

RESUMO

As mudanças na forma de atuação dos extensionistas rurais, em um contexto histórico de ATER pública no Brasil, também refletem no processo de ensino da extensão rural das faculdades de ciências agrárias. A inserção do ideal participativo nos processos de planejamento e execução dos métodos e metodologias trouxeram a necessidade de uma visão crítica sobre o aprendizado dos futuros extensionistas. Este trabalho tem como objetivo demonstrar a utilização de métodos e metodologias participativas de extensão rural no ensino dos cursos de ciências agrárias da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste com ênfase para o método dia de campo. Para a coleta de dados qualitativos e quantitativos, foi utilizada metodologia de análise participante, questionários e entrevistas estruturadas. Pode-se concluir que a adoção de práticas inovadoras no ensino da extensão rural auxilia para a formação dos acadêmicos e os preparam melhor para o mercado de trabalho.

Palavras-chave: Comunicação; Ensino; Educação; Formação acadêmica.

¹ Engenheiro Agrônomo, Mestre e Doutorando em Desenvolvimento Rural Sustentável pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste. Professor Colaborador do Centro de Ciências Agrárias da Unioeste. E-mail: vinicius_mattia@hotmail.com

² Engenheiro Agrônomo e Mestre em Extensão Rural pela Universidade Federal de Santa Maria. Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Paraná - UFPR. Professor Adjunto e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável da Unioeste. E-mail: wzonin@yahoo.com.br

³ Engenheiro Agrônomo, Mestre e Doutorando em Desenvolvimento Rural Sustentável pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste. E-mail: fabio.corbari@hotmail.com

⁴ Graduado em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda pela Faculdade de Pato Branco. Mestre em Desenvolvimento Rural Sustentável pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste e Doutorando em Extensão Rural pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. E-mail: marcosgregolin@yahoo.com.br

ABSTRACT

The changes in form that rural extension agents have operating in a historical context of public technical assistance and rural extension in Brazil, also reflected in process of teaching these themes in agrarian sciences colleges. The insertion of the participative ideal into the processes of planning and execution of methods and methodologies brought the need for a critical vision about the teaching of future extension agents. This paper aimed to present the use of participative methods and methodologies of rural extension in teaching of agrarian sciences courses from State University of West Paraná – Unioeste with emphasis to field day events. To the qualitative and quantitative data collect, it was used the participative analysis and structured questionnaires and interviews. It could be concluded that the use of innovative practices in rural extension teaching collaborate to a better academics' graduation and preparation to labour market.

Keywords: Communication; Instruction; Education; Academic qualification.

RESUMEN

Los cambios en la forma en que operan los agentes de extensión rural, en un contexto histórico de ATER público en Brasil, también se reflejan en el proceso de enseñanza de la extensión rural en las facultades de ciencias agrícolas. La inserción del ideal participativo en la planificación y ejecución de métodos y metodologías provocó la necesidad de una visión crítica sobre el aprendizaje de los futuros extensionistas. Este trabajo tiene como objetivo demostrar el uso de métodos y metodologías participativas de extensión rural en la enseñanza de cursos de ciencias agrícolas en la Universidad Estatal de Paraná Occidental - Unioeste con énfasis en el método del día de campo. Para la recolección de datos cualitativos y cuantitativos, se utilizó una metodología de análisis participativo, cuestionarios y entrevistas estructuradas. Se puede concluir que la adopción de prácticas innovadoras en la enseñanza de la extensión rural ayuda a formar académicos y prepararlos mejor para el mercado laboral.

Palabras clave: Comunicación; Enseñanza; Educación; Formación académica.

INTRODUÇÃO

A extensão rural sempre esteve presente no escopo da formação de escolas de agricultura, inclusive, sua conceituação e institucionalização surgiu em universidades americanas no início do século XX embora ações extensionistas fossem desenvolvidas desde a antiguidade (JONES; GARFORTH, 1997 apud PEIXOTO, 2008). No Brasil, as instituições de ensino também tiveram papel importante na disseminação da extensão rural, primeiramente por meio de ações dos institutos imperiais até seu primeiro registro como forma institucionalizada através da Semana do Fazendeiro em 1929 realizada pela Escola Superior de Agricultura de Viçosa (PEIXOTO, 2008). Callou *et al.* (2008) constataram a aparição da disciplina de extensão rural como obrigatória em vários cursos envolvidos na temática, sendo na maioria dos casos oferecida semestralmente nos últimos períodos de formação e predominantemente nos cursos de agronomia, zootecnia, engenharia florestal e agrícola, e medicina veterinária.

Paralelo a construção da extensão rural como disciplina no âmbito dos cursos de ciências agrárias, a aplicação profissional passou por diferentes períodos que trouxeram consigo grandes mudanças na forma de atuação dos extensionistas. A principal delas talvez seja a concepção de uma passagem de fases da extensão rural no Brasil onde até os anos 80 o que orientava as ações dos extensionistas era a chamada “difusionismo produtivista” a qual considerava o uso intensivo de capital visando uma modernização da agricultura, para uma fase chamada de “humanismo crítico” em que as ações devem pautar-se na participação ativa dos agricultores através de planejamentos participativos (LISITA, 2005). A própria Associação Brasileira de Educação Agrícola Superior em 1978 apresentou através de um relatório a concepção de que os alunos precisariam ter capacidade de atuarem de maneira crítica e criativa para o processo de mudança da sociedade (SUPLAN/ABEAS, 1978).

O primeiro passo no processo de ensino-aprendizagem pode ser através de uma atividade orientada em colaboração com alguém mais experiente. Na realização de experiências sociais já pensadas, o educando realmente aprende e desenvolve potencialidades intelectuais que o permitirá desenvolver sozinho, ações as quais anteriormente precisara de colaboração (BIESDORF, 2007).

Considera-se então que o processo de ensino nas universidades deve abranger em seu escopo a realização de atividades práticas que aproximem os estudantes de situações as quais podem ser submetidos após sua formação e atuando no mercado de trabalho. Essa aproximação pode fazer com que os novos profissionais estejam melhores preparados para tomadas de decisão e que tenham maior efetividade em sua atuação, já que o contato anterior no processo de formação promove uma preparação prévia para situações reais posteriores.

Desta forma também deve ser o desenvolvimento de disciplinas que tenham em seu conteúdo a extensão rural e o estudo de seus métodos e metodologias. Mais do que a exposição teórica sobre estes temas, devem envolver uma série de práticas que estimulem os estudantes a atuarem como protagonistas em casos que simulem situações a serem vivenciadas quando na atuação profissional.

O objetivo deste artigo é relatar as experiências de adoção de métodos e metodologias de extensão rural no ensino dos cursos de agronomia e zootecnia destacando e dando ênfase na aplicação prática do método dia-de-campo através de casos realizados na Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste e contextualizando sobre seus resultados na formação profissional dos acadêmicos.

DESENVOLVIMENTO

EXTENSÃO RURAL: DEFINIÇÕES E A NOVA ATER⁵

Ao tratar sobre as definições do termo extensão rural, Peixoto (2008) dividiu esta conceituação em três formas diferentes: como processo, como instituição e como política. Como forma de processo, a extensão rural seria basicamente estender o conhecimento de um sujeito ao seu público, ou então, como melhor aceite atualmente, no sentido amplo, um processo educativo de comunicação. Na forma de instituição, entende-se a extensão rural como as instituições ou organizações que desempenham este trabalho em diferentes locais. E na forma de política, pode-se conceituar como políticas de extensão rural traçadas pelos governos ao longo do tempo.

Já na definição de Figueredo (1984) a extensão rural no Brasil é

concebida como um serviço de assessoramento a agricultores, suas famílias, seus grupos e organizações, nos campos da tecnologia da produção agropecuária, administração rural, educação alimentar, educação sanitária, educação ecológica, associativismo e ação comunitária (FIGUEREDO, 1984 p. 20).

É comum encontrar a definição de extensão rural como o processo educativo. Alguns autores ainda especificam que este processo envolve uma educação informal, a qual não apresenta um sistema sequencial com avaliações, obrigatoriedade de presença, currículo escolar, dentre outros (BALEM, 2015). É, então, um processo em que se relacionam formas de aprender e ensinar através de diferentes métodos e metodologias envolvendo agricultores e extensionistas (BALEM, 2015).

Este processo de passagem do entendimento de que a extensão rural tinha apenas o sentido de estender o conhecimento para o de que se trata de um processo educativo e de comunicação iniciou principalmente na década de 80 e influenciou muito na década de 90, justamente em meio a uma crise na extensão rural pública brasileira com a extinção de órgãos como a Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural – EMBRATER em 1990 (PEIXOTO, 2008). Além disso, um movimento de extensionistas que acreditavam na prestação de ATER como política pública para comunidades e agricultores menos favorecidos e que levavam consigo os ideais de Paulo Freire, os quais defendiam uma educação libertadora

⁵ Assistência Técnica e Extensão Rural

(FREIRE, 1983), fizeram com que o início do século XXI fosse marcado por uma nova idealização da extensão rural pública e suas formas de atuação.

O cenário socioeconômico contribuiu para a ideia de que a extensão rural tivesse o objetivo não apenas do aumento de produtividade, mas também da preservação dos meios naturais e humanos visando a minimização de problemas ambientais e sociais priorizando os agricultores que não podiam pagar por serviços de assistência técnica (CAPORAL, 2003).

Iniciou-se então a construção de uma nova política de ATER no Brasil, na qual os resultados foram a Política Nacional de ATER – PNATER em 2004 e a Lei 12.188 conhecida como Lei da ATER em 2010 a qual passou a definir como

Serviço de educação não formal, de caráter continuado, no meio rural, que promove processos de gestão, produção, beneficiamento e comercialização das atividades e dos serviços agropecuários e não-agropecuários, inclusive das atividades agroextrativistas, florestais e artesanais (BRASIL, 2010).

A nova política tem como diretrizes a execução da ATER no Brasil por organizações governamentais e não governamentais desde que apresentem legalidade documental, corpo técnico multidisciplinar e profissionais registrados nos órgãos competentes. Registra como público beneficiário destes serviços os agricultores familiares, assentados da reforma agrária, extrativistas, quilombolas, indígenas, silvicultores, aquicultores e pescadores artesanais (BRASIL, 2010).

Além disso, prevê que a extensão rural deve seguir alguns princípios como o desenvolvimento rural sustentável com preservação do ambiente e seus recursos, a gratuidade, qualidade e acessibilidade, a adoção de metodologias participativas com enfoque cidadão e com gestão democrática, a adoção de agricultura ecológica, a equidade de raça, etnia, gênero e geração, e deve contribuir para a soberania alimentar e nutricional (BRASIL, 2010).

Para seguir o que estabelece estes preceitos da extensão rural pública, os extensionistas devem planejar a sua atuação de forma que contenha o uso da pedagogia através do diálogo, da comunicação e de uma nova relação que possibilite ao beneficiário a autonomia de um pensamento crítico resultando assim em uma forma de educação libertadora (FREIRE, 2008).

Logo, o ensino da extensão rural em instituições de nível superior para futuros profissionais atuantes do meio rural deve ter seu embasamento nas premissas destacadas, para que a formação dos acadêmicos contemple o que pressupõe este tipo de trabalho em suas bases atuais. Para isso, o conhecimento sobre o contexto histórico no Brasil, sobre o processo de educação pedagógica e de comunicação e posteriormente o entendimento sobre os métodos e

metodologias participativas, são conteúdos que devem compor o plano de ensino da disciplina de extensão rural.

MÉTODOS E METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS

Com o advento da nova ATER no Brasil, principalmente os órgãos governamentais de prestação destes serviços passaram por algumas reformulações e readequaram também bibliografias que serviam como guias para o trabalho do extensionista. Tratam-se dos manuais de métodos e metodologias de extensão rural, os quais tiveram uma inserção de conteúdos diferenciados, principalmente em relação ao caráter participativo da nova forma de atuação.

Moraes, Gregolin e Diesel (2019) destacam que estes manuais trazem consigo conteúdos normativos relativos à tecnologia de intervenção social, porém que apesar de conterem uma maior diversidade adequada a cada organização, ainda seguem produzindo e disseminando o conteúdo relativo ao modelo clássico de extensão dificultando a implementação de novos referentes e práticas a partir dos pressupostos diferenciados implementados pela nova ATER.

Baseando-se em alguns destes manuais, temos a seguir algumas definições sobre os métodos e metodologias participativas de extensão rural, a classificação destes métodos e o objetivo dos mesmos quando da sua utilização.

A metodologia em extensão rural pode ser entendida como a explicação detalhada de toda a ação a ser desenvolvida nos métodos escolhidos para o trabalho a ser executado (LOPES, 2016). É o conjunto de procedimentos, regras e técnicas que sistematizam os métodos de ensino (RAMOS; SILVA; BARROS, 2013).

Quando pensada de uma maneira participativa, a metodologia resulta em um caráter de fundamentação no diálogo, na troca de saberes, na gestão social e democrática com exercício da cidadania e da inclusão social (RAMOS; SILVA; BARROS, 2013) entre os atores envolvidos no processo de ensino, que na extensão rural contempla técnicos, agricultores e comunidades em geral.

Para o estabelecimento de uma metodologia participativa no trabalho, o extensionista deve perpassar pelas fases de diagnóstico participativo, priorização das demandas, planejamento, execução e avaliação, sendo que em todas elas a presença do público atendido é essencial e seus conhecimentos e saberes populares auxiliarão para uma atuação efetiva.

Já ao tratarmos sobre as definições de métodos, Ramos, Silva e Barros (2013) citaram que o método é concebido como a forma adequada pelo qual o ensino é realizado no processo de aprendizagem sendo um procedimento padronizado que se adota no estudo, um modo particular de proceder, um processo ou técnica de ensino, uma regularidade da ação ou um tratado elementar (XIMENES, 2000 apud RAMOS; SILVA; BARROS, 2013). Lopes (2016) define o método como sendo a maneira, a forma, o modo de proceder, a maneira de agir, o processo de ensino ou ainda um caminho para se chegar a um fim.

Em resumo, pode-se considerar que a metodologia em extensão rural se inicia com o conhecimento do público, suas realidades, problemas e demandas, através de diagnósticos participativos e tem a sua execução através da seleção de métodos corretos que levarão a atingir o objetivo final que é o atendimento eficiente e eficaz aos beneficiários.

Os métodos podem ser classificados quanto ao seu alcance, efeito e uso (LOPES, 2016). O alcance refere-se ao número de pessoas atingidas e se enquadra como: (i) individual, os quais objetivam atingir pessoas individualmente (ex.: visita, contato, entrevista, etc.) e são importantes para adquirir o conhecimento da comunidade e as condições da população rural através de seus membros e ainda permitir que o público conheça melhor o extensionista gerando maior confiança; (ii) grupais, os quais visam atingir um grupo de pessoas de uma única vez (ex.: reunião, curso, dia de campo, congresso, etc.), minimizando custos e possibilitando a troca de experiências entre os agricultores com um interesse em comum; (iii) massais, quando não é possível definir o número de participantes (ex.: rádio, TV, jornais, revistas, campanhas, sites, etc.) visando atender o público em geral de maneira indeterminada com alcance indefinido (PEREIRA *et al.*, 2009; LOPES, 2016).

Quanto ao efeito, os métodos são divididos naqueles de efeito motivacional ou de ensinamento técnico (prático) e em relação ao uso, os métodos podem ser classificados como simples, quando pode ser utilizado isolado não exigindo outros métodos ou complexo, quando é combinado com demais métodos (LOPES, 2016).

Brosler, Oliveira e Bergamasco (2009) consideram que as metodologias e métodos são inseridos na tentativa de ser um guia para o trabalho dos extensionistas, porém que o sucesso do uso das ferramentas, principalmente para a construção do diálogo conforme as definições de participação, passa completamente pelas mãos dos envolvidos.

A demonstração e utilização destes métodos para alunos do ensino superior faz com que se tenha o entendimento mínimo de como proceder para a prática de atuação na extensão rural e desperta o interesse para a realização de trabalho como extensionista.

O MÉTODO DIA DE CAMPO

O dia de campo é um método grupal de ensinamento técnico e complexo, que visa demonstrar uma série de atividades, práticas ou tecnologias referentes a um assunto geralmente em um só local sendo preferencialmente uma propriedade agrícola. Possibilita reunir entre 50 a 100 participantes e envolve além da participação do público trabalhado, líderes, autoridades, agentes comerciais e outros técnicos. Serve para a exibição e divulgação de uma ou mais práticas visando motivar e despertar o interesse das pessoas além de sensibilizar para adoção em suas realidades (PEREIRA *et al.*, 2009; LOPES, 2016; RAMOS; SILVA; BARROS, 2013).

As vantagens deste método são a aproximação de um grande número de produtores à práticas que já são adotadas, o desenvolvimento de um ambiente descontraído e eficiente em apresentar situações reais, a ampliação da relação entre os extensionistas e os participantes, além do envolvimento com lideranças e autoridades. As desvantagens é a necessidade de existir uma propriedade que já possua a prática a ser exibida funcionando, também de uma equipe adequada de colaboradores, bem como exige a eficiente organização de um público numeroso e é bastante dependente das condições climáticas (LOPES, 2016).

Os procedimentos básicos para a organização de um dia de campo envolvem inicialmente a identificação de uma necessidade, oportunidade ou interesse de produtores, depois, a elaboração de um planejamento em relação aos temas, local, equipe de trabalho, público alvo, objetivos, duração, materiais, etc., encontros para a organização geral de todos os recursos materiais e humanos, a execução propriamente dita e posterior avaliação do evento (LOPES, 2016; RAMOS; SILVA; BARROS, 2013).

Pela necessidade de apresentação dos temas, o dia de campo torna-se uma ferramenta bastante útil para a prática da desenvoltura dos extensionistas em relação à exposição dos seus conhecimentos e sua capacidade oratória e de expressão. Assim, inserir a realização do método durante a disciplina de extensão rural na universidade, pode ser uma forma de colocar os acadêmicos em uma situação que irão presenciar posteriormente no mercado de trabalho e fazê-los iniciar no treinamento dessa desenvoltura.

METODOLOGIA

A título de procedimentos metodológicos deste trabalho, podemos destacar que o mesmo se enquadra como um relato de experiências onde é realizada a descrição de uma vivência que resultou em reflexões sobre um fenômeno específico (OLIVEIRA LOPES, 2012). No artigo em questão, são relatadas as experiências da utilização de métodos e metodologias de extensão rural, em especial a realização de dias de campo nos cursos de agronomia e zootecnia da Unioeste nos anos de 2018 e 2019.

Também pode ser considerado como um estudo de caso caracterizando e investigando um fenômeno em uma realidade específica a qual está inserido (YIN, 2001) sendo no trabalho a aplicação destes métodos e metodologias como o fenômeno e a universidade como o local específico.

O universo de estudo foram os acadêmicos do 4º ano de agronomia do ano de 2018 da disciplina de Comunicação e Extensão Rural e do 5º ano de zootecnia de 2019 da disciplina de Extensão Rural, bem como os participantes dos dias de campo realizados por ambas as turmas nos respectivos anos. Ambos pertencem ao Centro de Ciências Agrárias - CCA da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste no *campus* de Marechal Cândido Rondon.

Os dados são qualitativos e quantitativos e foram coletados a partir de participação observante, a qual o professor responsável pelas disciplinas teve um nível elevado de envolvimento como investigador no grupo pesquisado, se inserindo e interagindo como participante do grupo (PERUZZO, 2017), também através de questionários estruturados aos participantes dos dias de campo realizados pelas turmas das disciplinas com coordenação do professor responsável e por fim através de entrevista estruturada com os acadêmicos para relatarem as experiências aos seus modos de visão.

A análise dos dados foi realizada através de sistematização dos relatos em manuscritos e lançamento de dados no software IBM SPSS statistics para posteriores análises de frequências, formação de quadros e figuras visando o auxílio na interpretação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através do estudo, foi possível evidenciar que alguns métodos e metodologias participativas foram utilizados no desenvolvimento das disciplinas de extensão rural dos cursos de agronomia e zootecnia nos anos de 2018 e 2019. Algumas evidências reveladas pela participação observante, foram de que são realizadas atividades como visitas técnicas com a aplicação de diagnósticos participativos em agricultores da região, aplicação de análises através de matrizes com a própria turma e também nas visitas, dinamização de grupos para repasse de conhecimentos sobre diferentes temas, apresentações de trabalhos em grupos de discussão e principalmente a realização do método dia de campo pelas duas turmas.

Scopinho (2010) define que uma das questões básicas a qual é importante refletir é que o pensamento de experiências inovadoras no ensino da extensão requer um modelo diferente do ensino predominante na academia, já que exige um olhar complexo e “preparar os sujeitos para a tarefa requer esforço intensivo e extensivo, processual e integrado de diferentes áreas e níveis de conhecimento e também de diferentes agentes sociais” (SCOPINHO, 2010, p. 8).

Da Ros (2012) demonstrou em suas pesquisas que a utilização de metodologias participativas, em especial, com visitas a campo, na disciplina de extensão rural dos cursos de ciências agrárias da UFRRJ contribuíram para a formação dos acadêmicos e despertaram o interesse dos alunos para os conteúdos abordados na disciplina. Além disso, o desenvolvimento dessas experiências pode promover rupturas à lógica difusionista (de transferência de tecnologia) da extensão rural ainda presente como referência na atuação profissional.

A prática da extensão proporciona uma formação diferenciada aos estudantes envolvidos através diálogo com pessoas do campo e a vivência de experiências que apoiam na formação universitária fazendo com que alunos e agricultores sejam tratados como agentes de transformação social e criando a relação entre a universidade e a comunidade (DA SILVA *et al.*, 2017).

DIAS DE CAMPO

Tanto na turma da disciplina de Comunicação e Extensão Rural do curso de agronomia de 2018 quanto na turma de Extensão Rural do curso de zootecnia em 2019 foram realizados dias de campo visando a aplicação do método de uma maneira prática pelos próprios

acadêmicos. Para a turma de agronomia montou-se o dia de campo de frutíferas e na turma de zootecnia o dia de campo: conhecendo a zootecnia.

Ao realizarem um dia de campo com o objetivo de demonstrar os resultados de experimentação e divulgar o potencial de práticas ecológicas na Universidade Federal da Paraíba, Lima *et al.* (2010) concluíram que a realização de eventos como estes fortalece o elo entre a universidade e a comunidade e também que a troca de experiências amplia o conhecimento dos estudantes.

Mazer *et al.* (2013) também demonstraram a importância da realização de um dia de campo na difusão de tecnologias para a agricultura familiar com a realização de um evento organizado pela equipe do Laboratório de Mecanização Agrícola da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG para a comunidade interna da universidade e também para agricultores assentados da reforma agrária de assentamentos da região.

Os responsáveis pela organização de um método como o dia de campo devem ter um olhar crítico e investigador sobre a realidade que estão inseridos, diagnosticando as condições ambientais, sociais e econômicas, as dificuldades, oportunidades e gargalos produtivos, objetivando a solução de problemas, a otimização produtiva, criação de oportunidades e desenvolvimento de tecnologias acessíveis aos agricultores, que atuem de forma que promovam a consciência crítica e autonomia dos indivíduos, com a apresentação de experiências concretas que realmente apresentam algum sentido em seus sistemas produtivos e em suas vidas.

A prática educativa da extensão rural realizada pela universidade foi pautada no diálogo e numa postura de reciprocidade e receptividade entre educador e público-alvo. Dessa forma, os dias de campo realizados foram embasados na metodologia participativa, com os envolvidos na organização buscando, inicialmente, o conhecimento da realidade local, com visitas a campo, aproximações e diálogos com agricultores familiares e casos de referência produtiva na região, com objetivo de trocas de informações e diagnósticos participativos.

Posteriormente, a organização do dia de campo foi guiada pelo conhecimento prévio sobre a realidade local, identificando os grupos de interesse, as temáticas adequadas e a operacionalização do método pelos estudantes, se caracterizando como importante didática na formação do profissional extensionista. Com a organização do dia de campo, o terceiro ato foi a realização do evento e sua avaliação, identificando informações que contribuem para o processo de retroalimentação do método.

Desse modo, pesquisa e extensão realizadas pela universidade, com metodologias participativas, geram ações que buscam melhorar as condições da sociedade local, apontando soluções para problemas e oportunidades para geração de renda e benefícios na vida dos atores rurais, favorecendo assim, de forma dialética, a formação de consciência e capacidades individuais e coletivas, para os atores sociais realizarem seus projetos de vida.

DIA DE CAMPO DE FRUTÍFERAS

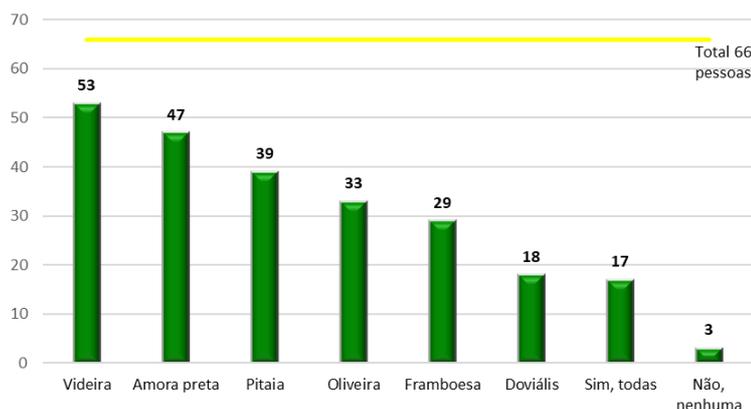
As características estabelecidas pelos acadêmicos para a realização do dia de campo de frutíferas preenchendo o roteiro de planejamento do evento foram desenvolvidas e executadas durante praticamente um mês anteriormente a realização propriamente dita. O título definido foi Dia de Campo de Frutíferas, ocorrido no dia 07 de novembro de 2018 das 13:30 às 17:00 com apresentação dos temas cultivo de doviális, amora preta e framboesa, pitaia, videira, oliveira e industrialização e comercialização de frutas. O local de realização foi a estação experimental prof. Dr. Antônio Carlos dos Santos Pessoa pertencente à Unioeste, o público-alvo esperado era de 30 estudantes do curso de agronomia, 15 agricultores familiares, 10 professores e acadêmicos da pós-graduação, 15 profissionais técnicos e 60 estudantes de colégios agrícolas, o qual foi bem contemplado no dia do evento. O objetivo geral do evento foi difundir o conhecimento sobre fruticultura e os objetivos específicos foram apresentar o cultivo de diferentes frutíferas, divulgar as atividades realizadas pela Unioeste na área de fruticultura e apresentar as frutíferas como oportunidades para pequenos agricultores. Os grupos da comissão organizadora foram divididos em apresentadores dos temas, equipes de divulgação, inscrição e avaliação, estrutura e equipe de guias. A divulgação foi online via redes sociais em geral e e-mails, além de confecção de alguns cartazes para colocação em locais estratégicos.

Na execução do evento, todos os organizadores trabalharam de forma a realizá-lo da melhor maneira possível resultando na participação total de 130 pessoas distribuídas dentre o público-alvo supracitado.

Foi realizada no final do evento uma avaliação geral através de questionários estruturados dos quais houve um total de 66 (50,7%) avaliações. Verificando se o primeiro objetivo do evento que era apresentar o cultivo de diferentes frutíferas foi atingido, a figura 1

demonstra o conhecimento dos participantes em relação às frutíferas apresentadas, quando questionados sobre quais frutíferas já tinham conhecimento previamente ao evento.

Figura 1. Respostas ao questionamento sobre o conhecimento dos participantes sobre as frutíferas antes da participação no evento



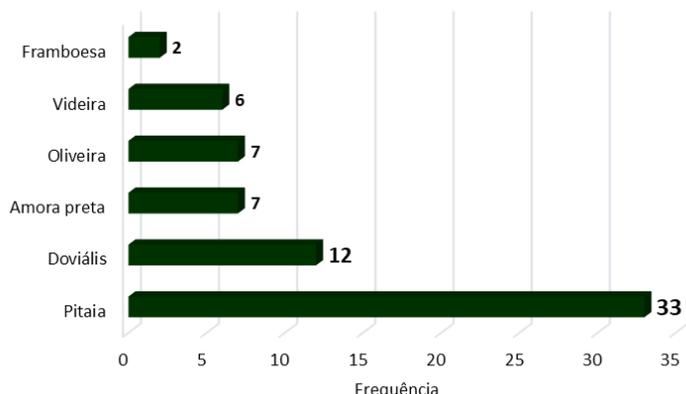
Fonte: Os autores, 2019

Foi possível verificar que apesar de alguns participantes já conhecerem em grande parte algumas frutíferas como a videira e a amora preta, muitos também não conheciam ou conheciam pouco sobre algumas frutíferas mais exóticas, nivelando de certa forma, este conhecimento.

Já em relação ao segundo objetivo de divulgar as atividades realizadas pela Unioeste na área de fruticultura, 56 pessoas responderam que sabiam que a universidade trabalhava com as frutíferas e 10 pessoas responderam que não tinham este conhecimento. Sendo assim, a divulgação foi realizada para que passasse a ser de conhecimento de todos os participantes estas atividades.

Em atendimento ao terceiro objetivo, sobre apresentar as frutíferas como oportunidade para pequenos agricultores, alguns participantes relataram que as frutíferas apresentadas, podem principalmente serem fontes de renda alternativa para os produtores, em especial àquelas menos cultivadas na região. Este interesse por frutíferas diferenciadas ficou evidenciado pelas respostas representadas na figura 2.

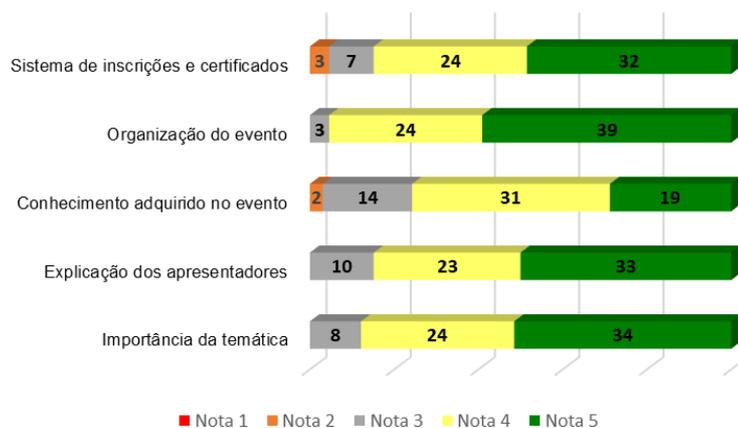
Figura 2. Respostas ao questionamento sobre qual das frutíferas apresentadas despertou maior interesse dos participantes



Fonte: Os autores, 2019.

Além destes questionamentos, os participantes puderam avaliar outros pontos da realização do evento (Figura 3) e contribuir com comentários, sugestões e/ou críticas, os quais demonstraram muita satisfação com a realização geral do evento além de apresentarem algumas sugestões de melhorias.

Figura 3. Avaliação geral do evento através de notas sendo 1 para a pior situação e 5 para a melhor situação



Fonte: Os autores, 2019

Uma outra forma de avaliação da realização do evento se deu através de uma entrevista estruturada com os acadêmicos promotores e organizadores do dia de campo, matriculados na disciplina de Comunicação e Extensão Rural. Os mesmos foram questionados sobre a contribuição da realização prática do método para suas formações, bem como os pontos fortes e fracos do evento realizado. O auxílio que é proporcionado pela execução da atividade na prática ficou evidente no quadro 1, que demonstra um resumo dos principais pontos fortes e fracos citados pelos alunos organizadores.

Quadro 1. Pontos fortes e fracos da realização do evento na visão dos acadêmicos

Pontos Fortes	
<ul style="list-style-type: none"> • Muito válido para a formação quanto eng. agrônomo • Fez entender mais sobre o trabalho da ATER • Possibilitou integrar os aprendizados de outras disciplinas • O planejamento e atendimento de cada organizador a suas funções foi fundamental • Treinamento das apresentações anteriormente à execução • Necessidade de aceitar pensamentos diferentes para atingir o objetivo • Agregou muito para o conhecimento em diferentes pontos • Planejamento realizado com antecedência • Superou as expectativas do que foi proposto inicialmente • Pequenos imprevistos puderam ser facilmente resolvidos • A maneira como a estrutura foi colocada facilitou a logística do evento • Aprendizado em gerenciamento de pessoas, recursos e solução de problemas 	<ul style="list-style-type: none"> • Aprender a escutar, agir, ser consciente nas atividades prestadas ao grupo • Experiência única e muito proveitosa • Sentimento de satisfação pelo evento realizado • Experiência para posteriores realizações no mercado de trabalho • A importância da relação de cooperação de todos • Ajuda na perda do medo de falar em público • Desenvolveu o interesse pela área de atuação em extensão • A união e a vontade de fazer acontecer contribuíram para a realização • Grupo numeroso na organização o que não sobrecarregou ninguém • Temas de interesse do público alvo (frutíferas exóticas) • Interação com outros alunos, agricultores e profissionais
Pontos Fracos	
<ul style="list-style-type: none"> • Maior preparo para a apresentação de alguns grupos • Algumas desavenças da turma • Alguns participantes precisarem sair antes do término • Necessidade de orçamento disponível • Nervosismo nas primeiras apresentações • Poderiam ter sido feitos banners com imagens ilustrativas 	<ul style="list-style-type: none"> • Não interação total de alguns alunos organizadores • Disponibilização de água que não estava gelada • Pouca participação de alunos da Unioeste no evento • Fazer uma interação com o curso de zootecnia também

Fonte: Os autores, 2019

Através dos relatos, notou-se que os acadêmicos consideraram a experiência bastante válida para suas formações através de aprendizados que auxiliarão na atuação no mercado de trabalho posteriormente. Além disso, da grande necessidade que se tem da participação e harmonia do grupo para que o trabalho seja realizado de maneira satisfatória.

DIA DE CAMPO: CONHECENDO A ZOOTECNIA

Todas as características deste dia de campo também foram definidas pela turma com a coordenação do professor da disciplina. Sendo assim, o título definido foi Dia de Campo: Conhecendo a Zootecnia já que os objetivos do evento eram apresentar o curso de zootecnia da

Unioeste para formandos do ensino médio e incentivá-los na busca por este curso, além de evidenciar algumas atividades de possibilidade na atuação do profissional da zootecnia e divulgar os projetos de pesquisa e extensão realizados nos temas abordados. A data de realização foi 30 de maio de 2019 das 13:30 às 16:30 na estação experimental prof. Dr. Antônio Carlos dos Santos Pessoa, onde houve então uma abertura com a apresentação geral do curso e posteriormente os participantes foram divididos em 4 grupos que, em esquema de rodízio, perpassaram por 4 estações onde foram apresentadas a equideocultura, suinocultura, ovinocultura e bovinocultura de leite. Os acadêmicos organizadores se dividiram em grupos sendo apresentadores dos temas, equipe de guias, inscrição e avaliação, e ainda equipe de divulgação e estrutura. A divulgação foi realizada através de contato direto com responsáveis de colégios com ensino médio do município de Marechal Cândido Rondon e vizinhos.

Apesar de a idealização inicial ter sido de contar com a participação principalmente de colégios agrícolas e colégios públicos do município de Marechal Cândido Rondon, estes apresentaram em sua maioria a impossibilidade de se fazerem presentes, estando participando no dia então alunos do Colégio Agrícola Estadual de Toledo, Colégio Estadual Presidente Castelo Branco de Toledo e Colégio Estadual Gaspar Dutra de Nova Santa Rosa totalizando um público de 158 participantes.

Ao final do evento, foi solicitado o preenchimento de um questionário estruturado pelos participantes para a avaliação do atendimento aos objetivos propostos além de organização geral do evento obtendo 138 respostas representando 87,3% dos presentes.

Para verificar o atendimento ao objetivo de apresentar o curso de graduação em zootecnia da Unioeste e incentivar os formandos de ensino médio a buscarem pelo curso, a tabela 1 demonstra as respostas dos participantes.

Tabela 1. Frequência de respostas aos questionamentos sobre o objetivo geral do evento

Questionamento	Nada	Pouco	Muito	N. resp.
Conhecia o curso de zootecnia?	39	60	38	1
O evento ajudou a compreender mais sobre essa profissão?	34	0	102	2
O evento despertou seu interesse pelo curso de zootecnia?	26	64	47	1

Fonte: Os autores, 2019

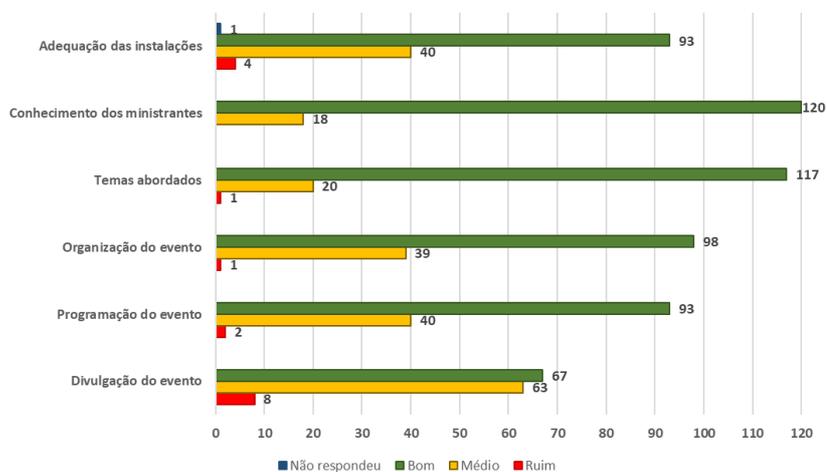
Em face aos resultados, é possível observar que o evento contribuiu para a apresentação do curso já que a maior parte conhecia nada ou pouco sobre o curso antes do evento e passou a conhecer muito com a ajuda do evento. Também é evidente que um percentual

considerável (34,3% das respostas válidas) destacou que o evento despertou muito o interesse pelo curso. Por outro lado, também as respostas de que o evento não ajudou nada na compreensão sobre a profissão e não despertou nada o interesse pelo curso devem ser levadas em consideração e podem estar relacionadas, segundo comentários opcionais nos questionários, a necessidade de passar toda a tarde em pé o que é cansativo e tira a atenção das explicações ou por não ter afinidade com o meio rural, dentre outros fatores.

No atendimento a um outro objetivo que era o de apresentar os trabalhos de pesquisa e extensão desenvolvidos pela Unioeste na área dos temas exibidos, 79,7% dos participantes informou conhecer nada ou pouco sobre estas atividades anteriormente ao evento, o que fez com que passassem de uma forma mais ampla a ter este contato e que os trabalhos da instituição também fossem divulgados.

Em uma avaliação da organização geral do evento, a figura 4 demonstra que de maneira geral os participantes ficaram satisfeitos e elencaram os fatores principalmente como médios ou bons.

Figura 4. Frequências de respostas sobre a organização geral do evento



Fonte: Os autores, 2019.

Além disso, opcionalmente, os participantes ainda puderam inserir comentários com sugestões ou críticas para melhoria dos próximos eventos.

Para verificar qual foi a visão dos acadêmicos organizadores matriculados na disciplina de Extensão Rural da zootecnia, foi também realizada uma entrevista estruturada solicitando que citassem a importância da execução da prática para suas formações e os pontos

fortes e fracos do evento de acordo com seus entendimentos. O quadro 2 demonstra um resumo das respostas dos alunos organizadores.

Quadro 2. Pontos fortes e fracos da realização do evento na visão dos acadêmicos

Pontos Fortes	
<ul style="list-style-type: none"> • Ter uma experiência diferenciada • Participação comprometida e de cooperação da turma na organização • Participação de outros professores no evento • Prática e desafio de como se apresentar ao público • Domínio do conteúdo pelos apresentadores • União da turma durante o processo de construção • Planejamento antecipado fez com que não houvesse grande preocupação no dia • Possibilidade de viver na prática o que é a extensão rural • Aprendizado para organização de eventos depois no mercado de trabalho 	<ul style="list-style-type: none"> • Poder aplicar na prática os conteúdos vistos na teoria • Atender aos objetivos propostos • Possibilidade de testar os conhecimentos com os temas • Mostra da capacidade que cada um tem em desenvolver seu trabalho • Divisão de tarefas fundamentais para o sucesso do evento • Poder divulgar o curso e ter reconhecimento dos visitantes • Responsabilidades assumidas e crescimento pessoal e profissional • Entendimento da necessidade de explicar de forma mais prática e menos técnica
Pontos Fracos	
<ul style="list-style-type: none"> • Não planejar a acessibilidade para cadeirante • Necessidade de maior contribuição de alguns organizadores • Instalações que não permitiam demonstrar os manejos totalmente 	<ul style="list-style-type: none"> • Falta de interesse de alguns participantes o que dispersava a atenção dos demais • Tendência do curso em ser pouco conhecido no meio externo • Turma com poucos alunos para realizar toda a organização

Fonte: Os autores, 2019.

As considerações dos acadêmicos demonstraram que a aplicação do método na prática auxiliou para o crescimento profissional no âmbito de formação e ainda incentivou para o trabalho de ATER, bem como demonstrou a importância de um bom planejamento participativo na realização de trabalhos.

CONCLUSÃO

As disciplinas de extensão rural nos cursos de agronomia e zootecnia da Unioeste tiveram em suas conduções, durante o período de estudo, a adoção de métodos e metodologias de extensão rural aplicados na prática junto aos acadêmicos. Dentre as ações adotadas estão as visitas técnicas, aplicação de diagnósticos participativos, análises através de matrizes e em especial a realização de dias de campo planejados e conduzidos pela própria turma.

A adoção destas iniciativas práticas fez com que os acadêmicos tivessem um sentimento de melhor preparação para o mercado de trabalho e contribuíram para as suas formações nas ciências agrárias. Os eventos de dia de campo realizado obtiveram bons resultados no cumprimento de seus objetivos, além de uma boa avaliação de organização geral pelos participantes.

O enfoque em fazer com que as atividades desenvolvidas nas disciplinas de extensão rural dos cursos das ciências agrárias abordem caracteres participativos e de inclusão pode fazer com que o modelo de ensino seja reestruturado e passe de uma simples transferência de conhecimentos para um empoderamento dos agentes, tornando-os protagonistas dos processos.

REFERÊNCIAS

BALEM, T. A. **Extensão e desenvolvimento rural**. Santa Maria: UFSM, Colégio Politécnico, 2015, 123 p.

BIESDORF, M. Resenha do livro: Uma didática para a Pedagogia Histórico-Crítica. **Revista HISTEDBR On-line**, n. 27, p. 258-261, 2007.

BRASIL. Lei nº 12.188, de 11 de janeiro de 2010. **Diário Oficial da União**. Câmara dos Deputados: Brasília, DF, Seção 1, 2010. p 1.

BROSLER, T. M.; OLIVEIRA, E. R. L. de.; BERGAMASCO, S. P. P. Métodos na nova extensão rural: caminho para a participação, de quem? *In*: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL (SOBER), 48, 2010. **Anais**. Campo Grande: SOBER, 2010, p. 1-14.

CALLOU, A. B. F.; PIRES, M. L. L. S.; LEITÃO, M. R. F. A.; SANTOS, M. S. T. O estado da arte do ensino de extensão rural no Brasil. **Revista Extensão Rural**, Santa Maria, v. XV, n. 16, 2008.

CAPORAL, F. R. Bases para uma nova ATER pública. Santa Maria: **EMATER**, 2003. 16p.

DA ROS, C. A. A contribuição das visitas de campo no ensino das Ciências Agrárias da UFRRJ. **Revista Ciências em Extensão**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 107-122, 2012.

DA SILVA, P. T. P.; FERNANDES, B. C.; DA SILVA, V. G.; PIRES, L. G.; BEVILACQUA, P. D. Problematizando a formação de graduandos em extensão e educação popular: a experiência do Grupo Animais para Agroecologia. **Revista Cadernos de Agroecologia**, v. 12, n. 1, 2017. p. 1-10.

FIGUEREDO, R. P. Extensão Rural no Brasil: novos tempos. **Revista Brasileira de Tecnologia**, Brasília, v. 15, n. 4, p. 19-25, 1984.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 31 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008. 150 p.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 8 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 93 p.

LIMA, L. K. S.; LEAL, E. P.; CABRAL, F. C.; SILVA, R. V. A.; LEITE, J. U.; BARBOSA, A. J. S.; ARAÚJO, A. E. de. Dia de campo: estratégia técnica e cultural para socialização de

conhecimentos. In: ENCONTRO DE EXTENSÃO, 12, 2010. **Anais**. João Pessoa: UFPB, 2010, p. 1-8.

LISITA, F. O. **Considerações sobre a extensão rural no Brasil**. Artigo de Divulgação na Mídia, Embrapa Pantanal, Corumbá, n. 77, p. 1-3, 2005.

LOPES, E. B. **Manual de metodologia**. Curitiba: EMATER/PR, 1 ed, 2016. 60 p.

MAZER, G. P.; MODENA, R. M.; EURICH, J.; VRIESMAN, A. K.; OKUYAMA, K. K.; MOURA, I. C. F.; SOUZA, N. M.; RIBEIRO, D. R. S.; ROCHA, C. H.; WEIRICH NETO, P. H. Dia de campo e difusão de tecnologias para a agricultura familiar. **Revista Conexão UEPG**, v. 9, n. 1, p. 106-119, 2013.

MORAES, M. C.; GREGOLIN, M. R. P.; DIESEL, V. “Manuais de extensão rural” e a reificação da “essência” das práticas extensionistas. In: JORNADAS NACIONALES DE EXTENSION RURAL Y DEL MERCOSUR, 19, 2019. **Anais**. Luján de Cuyo: Asociación Argentina de Extensión Rural, 2019, p. 88-111.

OLIVEIRA LOPES, M. V.; Sobre estudos de casos e relatos de experiências. **Revista de Enfermagem do Nordeste**, v. 13, n. 4, 2012.

PEIXOTO, M. **Extensão Rural no Brasil: Uma abordagem histórica da legislação**. Textos para discussão 48. Brasília: Consultoria Legislativa do Senado Federal, 2008. 50 p.

PERUZZO, C. M. K. Pressupostos epistemológicos e metodológicos da pesquisa participativa: da observação participante à pesquisa-ação. **Estudios sobre las Culturas Contemporaneas**, v. 23, n. 3, p. 161-170, 2017.

PEREIRA, M. N.; CAUDURO, A. V.; FREITAS, C. de A.; NICOLA, M. P.; MEDRONHA, M. A.; SBROGLIO, M. de L.; SPANENBERG, M.; KRAHENHOFER, P. H. **Métodos e meios de comunicação em extensão rural**. Porto Alegre: EMATER/RS, 2009. 40p.

RAMOS, G. de L.; SILVA, A. P. G. da.; BARROS, A. A. da F. **Manual de metodologia de extensão rural**. Recife: Instituto Agrônômico de Pernambuco (IPA), 2013. 68 p.

SCOPINHO, R. A. Diálogo de saberes: experiências inovadoras no ensino da extensão rural. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE ENSINO EM EXTENSÃO RURAL, 2, 2010. **Texto para discussão**. Santa Maria: UFSM, 2010.

SUPLAN/ABEAS. Relatório Final: **Programa de Ensino de Extensão Rural**, 1978/1979.

YIN, R. **Estudo de caso: Planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2001. 2ed.

Artigo recebido em 06 de abril de 2020

Artigo aprovado em 24 de julho de 2020